

S.R.I.
dos meus
afetos
Raquel Ferreira

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

Sequência rápida de intubação (S.R.I.)

Para assegurar uma via aérea em um paciente instável, usa-se a sequência rápida de intubação. Essa consiste em usar um sedativo de ação rápida, analgesia e um agente bloqueador neuromuscular para criar condições que permitam um rápido controle das vias aéreas.



Prefácio

Hemingway não era poeta, mas o que ele definiu como o processo da escrita vale para qualquer travessia literária. “Não há mistério em escrever”, ele disse, “é só sentar em frente ao papel e sangrar”. Talvez seja desnecessário pensar sobre o que “sangrar”, metaforicamente, significa. Mas nunca é demais lembrar que este é um percurso solitário e doloroso. Aceitar revisitar as próprias sombras, lancetar antigas feridas, deixar emergir traumas, buscar compreender e, acima de tudo, aceitar a própria solidão requer coragem e entrega. Aquele que escreve é uma espécie de caleidoscópio humano, que vai de si para o outro e de fora para dentro. Seu universo poético é a expressão artística de uma organização particular de impulsos íntimos e apelos sociais. Sua tentativa de encontrar sentidos ou de conviver com o caos define visceralmente a intensidade de sua escrita.

Em *S.R.I. dos meus afetos*, a inquietante sigla que se refere a um procedimento de intubação rápida do paciente “para assegurar uma via aérea em um paciente instável” aponta para a natureza do caminho poético que vamos encontrar nos versos. No entanto, esse não é um processo rápido nem tampouco capaz de assegurar uma via aérea estabilizante para o leitor. Ouso afirmar que, nem de longe, é também para o eu-lírico

dos afetos. É possível que haja aí uma ironia fina, um esgar de lábios, um sorriso malicioso de provocação e inquietude na escolha da poeta. Se há sedativo de ação rápida, ele não anestesia o leitor, ao contrário, deixa à flor da pele uma sensibilidade sutil ao menor toque, a qualquer pequeno indício iminente de uma dor germinada, em espera. Não há condescendência em *S.R.I.* É pulo no vazio da existência, é solidão plantada na infância e estendida vida afora. É dor cotidiana e ascendente. Os títulos dos poemas falam por si: “*O que quebra*”, “*O vício*”, “*Nós, crianças abandonadas*”, “*Dano*”, “*A morta*”, “*Nevoeiro*”, “*Agoniza então*”, “*Matéria de solitude*”.

Mas *S.R.I.* é também um recurso que visa salvar o “paciente”, garantir, por sua intervenção, um alívio, um conforto, uma via alternativa de sobrevivência, uma tentativa de ressurreição. Nem sempre o resultado é o esperado, nem sempre é o suficiente, nem sempre... mas, às vezes, sim... E, então, o que temos é uma ruptura, uma espécie de ritual físico e emocional que marca, de maneira inegável e inesquecível, uma travessia decisiva.

Aqui me lembrei, de repente, de *Alice*, a do país das maravilhas, que dizia não se reconhecer ao final do dia, depois de tantas mudanças. A *Alice* que fala, no país das maravilhas, não é a *Alice* de antes da toca do coelho, aquela de quando acordou, porque agora ela “cresceu”, tomou consciência de uma série de transformações que alteraram sua constituição psíquica, subjetiva, sentimental, egônica. Suas pulsões, seus afetos, seus desejos, suas escolhas definem cada nova *Alice* a todo momento. São, por outro lado, passagens decisivas, mas não definitivas.

O mesmo se pode dizer da “nossa *Alice-eu-lírico*”. Suas dores, sua solidão, seus desencantos marcam profundamente suas descrenças, sua aparente indiferença ou distanciamento, seu silenciamento. No entanto, esses sentimentos todos fundam novos reinos no eu-lírico. A garotinha vive ainda na mulher, dialoga com ela, a jovem lembra-lhe, sobretudo, que a toda solidão e dor responde a sua escrita, sua força, sua reinvenção diária. Sua experiência de quase-morte inaugura, simultaneamente, na mulher, uma nova vida. Um eu – voltado para o de dentro. A cada ausência, desamparo, fuga, perda o rio da vida corre e renova as fontes de afeto, movimentando antigas dores, escoando pequenas frestas de esperança, tímidos ensaios de alegria, numa correnteza firme de construção desse feminino viril, que rejeita diques, margens, represas. A luta é sem trégua, o círculo vicioso mental, a volta por dentro do parafuso, o novelo interminável, o tempo a estar sempre nos calcanhares, efemeridade, fruição. Mas a dor, a solidão, o desamor forjam o seu real, o que se erige pela escrita, essa sequência rápida de intubação dos afetos.

Profª. Dra. Cláudia Sabbag Ozawa Galindo



Cala

Desenvolta ou não,
me mereço,
me conheço.

Perturbada ou não,
me converso,
me disperso.

O que faço ou não,
o que vê ou não,
o que sei te direi,
ao que te passa,
CALA!

Contato da autora

raquelf148@gmail.com

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Dante MT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em julho de 2023.
